



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE – UFCG**  
**CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE – CCBS**  
**UNIDADE ACADÊMICA DE PSICOLOGIA – UAPSI**

**COMPORTAMENTOS AGRESSIVOS E SOCIALIZAÇÃO DE**  
**CRIANÇAS COM *SÍNDROME DE DOWN* E EM**  
**DESENVOLVIMENTO TÍPICO**

**CLARA LOHANA CARDOSO GUIMARÃES**

**CAMPINA GRANDE – PB**  
**2016**

# **CLARA LOHANA CARDOSO GUIMARÃES**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado à Unidade Acadêmica de Psicologia (CCBS/UFCG), em cumprimento às exigências para obtenção do título de graduada em Psicologia, sob orientação da Professora Lilian Kelly de Sousa Galvão.

**CAMPINA GRANDE – PB  
2016**

**Ficha Catalográfica elaborada pela Biblioteca Setorial do CCBS - UFCG**

G963c.

Guimarães, Clara Lohana Cardoso.

Comportamentos agressivos e socialização de crianças com síndrome de Down e em desenvolvimento típico / Clara Lohana Cardoso Guimarães. – Campina Grande, PB: O autor, 2016.

33 f.: il.: Color. 21 x 27,9 cm.

Orientadora: Profa. Lilian Kelly de Sousa Galvão, Dr<sup>a</sup>.

Trabalho de Conclusão de Curso - Monografia (Graduação em Psicologia) – Universidade Federal de Campina Grande, 2016.

Inclui bibliografia.

1. Comportamento agressivo. 2. Socialização materna. 3. Crianças. I. Galvão, Lilian Kelly de Sousa. (Orientador). II. Título.

BSTBS/CCBS/UFCG

CDU 159.9:616.899 -053.2 (813.3)

**CLARA LOHANA CARDOSO GUIMARÃES**

**COMPORTAMENTOS AGRESSIVOS E SOCIALIZAÇÃO DE  
CRIANÇAS COM *SÍNDROME DE DOWN* E EM  
DESENVOLVIMENTO TÍPICO**

APROVADO EM: 03 / 10 / 2016

NOTA: 10,0

**BANCA EXAMINADORA**

Lilian Kelly de Sousa Galvão

Prof<sup>ª</sup> Dra. Lilian Kelly de Sousa Galvão (UFCG)  
Orientadora

Elaine Custódio Rodrigues Gusmão

Prof<sup>ª</sup> Ma. Elaine Custódio Rodrigues Gusmão (UFCG)  
Examinadora

Célia Maria C. M. Chaves

Prof<sup>ª</sup> Ma. Célia Maria Cruz Marques Chaves  
Examinadora

## DEDICATÓRIA

*A Deus e à Nossa Senhora da Conceição, por serem minhas fontes de luz e providenciarem tudo no momento certo.*

*Aos meus pais, irmãos, noivo e amigos que são meu equilíbrio.  
À minha “mãe acadêmica” Lilian que, sem pestanejar, aceitou ser minha orientadora e me conduzir nos caminhos da pesquisa.*

## AGRADECIMENTOS

*“Que Deus me ama  
Que não estou só  
Que Deus cuida de mim  
Quando fala pela tua voz  
E me diz: coragem!”*

Este TCC é fruto de dois anos dedicados aos projetos de iniciação científica, portanto, um trabalho que contou com a colaboração de diversas pessoas, no qual aproveito para agradecê-las de forma singela, com profunda gratidão. Sendo assim, compartilho a autoria deste com todos que citarei a seguir, representando o meu “muito obrigada”.

À professora Lilian Kelly de Sousa Galvão, mais que minha orientadora, uma mãe, por fazer parte de forma intensa na minha vida acadêmica, sendo incessante inspiração para o meu grande sonho: a docência.

À professora Célia Maria Cruz Marques Chaves que me permitiu tratar do seu tema de doutorado que tanto me conquistou.

A todas as mães que se disponibilizaram a responder aos questionários; sem vocês o trabalho não teria sido realizado.

Às escolas que me receberam e contribuíram de forma significativa para a aplicação dos instrumentos, em especial ao Educandário Caminho do Saber (escola que me preparou para a vida).

E, agora, aos meus grandes amores, maiores incentivadores dos meus sonhos:

- A Deus e Nossa Senhora que nunca me abandonam e cuidam a cada segundo das minhas decisões e da minha vida;
- Aos meus pais, Paulo e Gilvanete, por não medirem esforços em conceder tudo o que preciso, por me embalarem com o amor e o cuidado mais puros, verdadeiros e infundáveis, por não cessarem de me incentivar e acreditar no meu potencial;
- Ao amor da minha vida, João Rogério, grande exemplo de paciência, humildade e sabedoria, por não desistir de mim e ser um dos maiores incentivadores dos meus sonhos;
- Aos meus irmãos, Clarissa, Clauber e Clariana, por serem uma extensão de mim, um amor inexplicável, meus fieis e eternos companheiros;
- Aos meus mais que amigos, meus irmãos de coração, Tibério, Rayane e Elson, por estarem sempre presentes em minha vida, vibrando com cada conquista, chorando a mesma lágrima, rindo o mesmo riso e unidos pela fé em Nosso Senhor Jesus Cristo;

- A todos os meus familiares, avós, tios e primos, pelo amor que nos une, pelas dificuldades que nos mantem fortes e pelo carinho mútuo que rege nossa convivência;

- A minhas mais que amigas, minhas irmãs, Ana Raquel, Eva, Jamilly, Paloma e Samilly, grandes e valiosos presentes da vida acadêmica, por estarmos sempre unidas, em forte sintonia e em grande torcida uma pela outra. Quero-as comigo para sempre. Sim, mas “pode ser de seis?”;

Gratidão sempre, a todos!

## SUMÁRIO

<b>Dedicatória .....</b>	<b>v</b>
<b>Agradecimentos .....</b>	<b>vi</b>
<b>Apresentação.....</b>	<b>9</b>
<b>Resumo .....</b>	<b>10</b>
<b>Abstract .....</b>	<b>10</b>
<b>Introdução .....</b>	<b>11</b>
<b>Método .....</b>	<b>16</b>
<b>Participantes.....</b>	<b>16</b>
<b>Instrumentos de coleta de dados .....</b>	<b>17</b>
<b>Procedimento de coleta de dados .....</b>	<b>18</b>
<b>Análise dos dados.....</b>	<b>19</b>
<b>Resultados e discussão.....</b>	<b>19</b>
<b>Técnicas de socialização .....</b>	<b>19</b>
<b>Práticas e estilos de socialização parental .....</b>	<b>20</b>
<b>Comportamento agressivo .....</b>	<b>22</b>
<b>Socialização parental e comportamento agressivo .....</b>	<b>23</b>
<b>Considerações finais .....</b>	<b>24</b>
<b>Referências .....</b>	<b>26</b>



## APRESENTAÇÃO

Este trabalho de conclusão de curso será apresentado no modelo de artigo e está formatado de acordo com as instruções da Revista Estudos e Pesquisas em Psicologia. O referido periódico adota integralmente as normas da *Publication Manual of the American Psychological Association* (6a edição, 2010).

## COMPORTAMENTOS AGRESSIVOS E SOCIALIZAÇÃO DE CRIANÇAS COM SÍNDROME DE DOWN E EM DESENVOLVIMENTO TÍPICO

### Resumo

Este estudo tem como objetivo geral investigar a relação entre a emissão de comportamentos agressivos e o uso de Técnicas e Práticas Parentais de Socialização adotadas pelas mães de crianças em Desenvolvimento Típico (DT) e de crianças com Síndrome de Down (SD) entre 4 e 10 anos de idade. Participaram da pesquisa 34 mães de crianças com SD e 34 mães de crianças em DT, respondendo a três escalas. Os resultados apontaram que as práticas de socialização intituladas Severidade/Imposição e Aceitação/Implicação são utilizadas mais pelas mães de crianças em DT do que pelas mães de crianças com SD. O estilo parental Autoritativo prevaleceu entre as mães de crianças em DT e o estilo Negligente entre as mães de crianças com SD. Quanto aos comportamentos agressivos, os filhos em DT obtiveram médias significativamente maiores do que os filhos com SD em relação à Agressividade verbal e a Hostilidade, e médias significativamente menores em relação à Agressividade física. Ainda se constatou correlações significativas e positivas entre a prática intitulada Severidade/Imposição e a emissão de comportamentos agressivos. Por fim, sugere-se que sejam realizadas intervenções com as participantes que se dispuseram a fazer parte desta pesquisa para problematizar os resultados aqui encontrados.

**Palavras Chave:** Comportamento agressivo; Socialização materna; Crianças.

### Abstract

This study was made to investigate the relationship between aggressive behavior and Parental Socialization techniques/practices adopted by mothers of children with typical development (TD) versus the Parental Socialization techniques adopted by mothers of children who have Down Syndrome (DS) between 4 and 10 years of age. To make up this research, 68 volunteering mothers were requested. Half of them were TD kids mothers, the other half were DS children mothers. Both groups answered three scales. The results showed that the TD kids mothers practice the socialization entitled Severity/Imposition and Acceptance/Implication more than the mothers whose kids have DS. The Authoritative parenting style prevailed among TD children mothers and Negligent style among mothers of children with DS. As for the aggressive behavior, TD children had significantly higher average than the DS children in verbal aggression and hostility, and significantly lower scores in physical aggression. Still, it was found significant and positive correlations between practice entitled Severity/Imposition and the issue of aggressive behavior. Finally, it is suggested by the research group interventions with the parents that have participated in this research to discuss the results that were found here to develop a critical thought about their kids' progress and education.

**Keywords:** Aggressive behavior; Maternal socialization; Children.

Educar é uma preocupação constante de muitos pais, que se questionam sobre até que ponto a forma como criam seus filhos/as e estabelecem limites estão adequadas. Essa preocupação é legítima, pois a família consiste no primeiro ambiente social de que a criança participa, aprende regras e modos de se relacionar com o outro; a família é compreendida, dentro dessa perspectiva, como o fundamento das relações da criança na sociedade. Segundo Martins (2009), a base necessária para a socialização da criança é de responsabilidade dos pais, os quais devem proporcionar ao filho/a um ambiente incentivador e seguro no qual ele possa desenvolver-se. Contudo, infelizmente, conforme alerta Shaffer (2005), nem sempre a criança encontra na família uma fonte de segurança, afeto, proteção e bem-estar.

De acordo com Costa, Teixeira, e Gomes (2000), as transformações ocorridas no seio familiar têm suscitado questionamentos sobre o papel dos pais na educação dos filhos/as. Seria saudável, por exemplo, uma relação igualitária entre pais e filhos/as? Na análise de Oliveira, Rabuske, e Arpini (2007), um relacionamento afetivo adequado entre a criança e seus pais é caracterizado por relações prazerosas no convívio, por disponibilidade mútua e por respeito aos direitos de ambas as partes. Sidebotham (2001) sugere que, na contemporaneidade, tem sido exigido dos pais um desempenho proporcional à competitividade para a qual seus filhos/as deverão estar preparados e que isto culmina por gerar sentimentos de incapacidade e incompetência nos pais.

Na análise de Boeckel e Sarriera (2005), por sua vez, a forma como os pais atuam pode interferir no comportamento infantil. Para esses autores, a permissividade e a rigidez devem ser dosadas, pois, tanto a carência de disciplina dos pais, quanto o estabelecimento de uma disciplina muito rígida podem trazer prejuízos às crianças. Consideram, ademais, que a socialização adequada pode favorecer o desenvolvimento infantil e o estabelecimento de relações sociais saudáveis, da mesma forma que a socialização inadequada pode facilitar comportamentos indesejáveis, como a agressão.

O termo “agressão”, por remeter a vários conceitos, é de difícil definição. Uma solução aceitável seria conceituá-lo utilizando uma definição multidimensional (Andrade, 2003; Coelho, 1983) que englobasse os fatores:

- 1) comportamental, pois ser agressivo significaria agir de uma forma a ferir alguém; 2) intencional, já que o agressor tem por intenção machucar o outro, o que estabelece, portanto, a diferença entre agressão e mero acidente; 3) motivacional, no qual o indivíduo possui motivo(s) subjacente(s) ao ato; e 4) situacional, tendo em vista que a interpretação do ato como agressivo ou não vai

dependem do julgamento moral, no contexto social da ocorrência da agressão (Chaves, 2006, p. 22).

Na Psicologia, diversos modelos e teorias destacam-se na compreensão da agressão. Para Buss e Perry (1992) a agressão se manifesta de quatro formas: a) agressão física: bater, empurrar, chutar, esmurrar alguém; b) agressão verbal: palavrões, insultos, palavras de afrontas, ou de qualquer outro tipo que chegue a ferir ou magoar outrem; c) raiva: expressar reações de fúria, dificuldade de controlar o temperamento e fácil irritação, deixando-a transparecer; e d) hostilidade: reflete, principalmente, condutas de desconfiança em relação aos outros. A partir dessa definição, os autores construíram o Questionário de Agressão, formado por 29 itens, que avalia a agressão nas quatro dimensões teorizadas. Os itens foram respondidos em uma escala de cinco pontos, tipo *likert*. A adaptação desta escala para o contexto brasileiro foi realizada por Gouveia, Chaves, Peregrino, e Branco (2008), os quais demonstraram sua validade de construto.

No que se refere à emissão de comportamentos agressivos por crianças, foco do presente estudo, vários trabalhos são encontrados na literatura especializada, associando tal comportamento ao processo de socialização parental e escolar, e ao desenvolvimento e julgamento moral (Alvarenga & Piccinini, 2001; Camino, Camino, & Moraes, 2003). Em todos esses estudos, observa-se a construção de conhecimentos voltados às crianças de Desenvolvimento Típico (DT). A literatura a respeito das interações sociais de crianças com *Síndrome de Down (SD)* é escassa (Silva & Dessen, 2006) e muito ainda precisa ser feito para que a produção de conhecimento científico a esse respeito seja intensificada.

Conforme Rodrigues e Alchieri (2009), é comum observar comentários de que as crianças portadoras da *SD* são demasiadamente afetuosas, dóceis, calmas, brincalhonas, cooperativas, amistosas, apreciadoras de música e de temperamento fácil, no entanto, essas características constroem um estereótipo que não corresponde necessariamente à realidade, tendo em vista que são denotações que desconsideram as especificidades de cada indivíduo. Como expressa Schwartzman (2003, p.53):

(...) não há um padrão estereotipado e previsível em todas as crianças afetadas, uma vez que tanto o comportamento quanto o desenvolvimento da inteligência não dependem exclusivamente da alteração cromossômica, mas também do

restante do potencial genético bem como das importantíssimas influências, derivadas do meio.

Embora a maioria das crianças diagnosticadas com *SD* tenha se adequado ao estereótipo de crianças dóceis, também é comum alguns pais reclamarem que seus filhos são agressivos, agitados e difíceis de manejar (Silva & Dessen, 2006). Uma pesquisa realizada por Rodrigues e Alchieri (2009) revela que algumas mães de crianças com *SD* afirmam que seus filhos/as, ocasionalmente, expressam episódios de raiva, aborrecimento, irritação, arenga e ciúmes, associados a falhas no processo de socialização, mais precisamente a falta de limites (Rodrigues, Alchieri, & Coutinho, 2010, p. 94):

Eu gostaria que mudasse essa agressividade dele. Agora a gente tem culpa porque criou ele sem limites com tudo. A gente tá dando limites a ele agora.  
(informação verbal)

Será que as queixas apresentadas por essas mães de crianças com *SD* sobre os comportamentos inadequados de seus filhos/as, não se assemelhariam às queixas das mães de crianças em *DT*? Será que as mães que reclamam de comportamentos agressivos não teriam um padrão semelhante de socializar seus filhos/as?

Hoffman (1983, 1994) distingue três técnicas de socialização utilizadas pelos pais: a explicação (levar a criança a se convencer de que seu comportamento não é adequado), a retirada do afeto (deixar claro para criança que seu comportamento inadequado terá como consequência a ruptura do elo afetivo entre ela e o adulto) e a ameaça de punição real (coerção externa ou de força física). Camino, Camino, e Moraes (2003), com base em um estudo empírico realizado, sugerem a inclusão de mais duas técnicas de controle parental, a promessa de reforço positivo e a ameaça de punição sobrenatural, e propõem que as técnicas de socialização sejam divididas em técnicas de Controle Externo (retirada de afeto, ameaça de punição real, promessa de reforço positivo e ameaça de punição sobrenatural), onde o controle é posto sobre as consequências negativas ou positivas que não estão diretamente ligadas à ação controlada, mas externas a ela, e técnicas de Controle Interno (explicação), que traduzem uma atitude em que o controle baseia-se na ênfase que é dada às consequências intrínsecas da ação.

O conjunto dessas técnicas utilizadas pelos genitores constituem os estilos de socialização, denominados por Baumrind (1968; 1996) de Autoritativo, Permissivo, Negligente e Autoritário. O Autoritativo caracteriza pais controladores e exigentes, mas também calorosos, empáticos, comunicativos e compreensivos com os seus filhos/as, que usam tanto a indução como a punição. O Permissivo e o Negligente caracterizam pais não controladores, não exigentes, relativamente calorosos, e empáticos, que se comportam de forma não punitiva. E, o Autoritário representa pais distantes, pouco empáticos, controladores e, sobretudo, punitivos. Filhos/as de mães autoritárias, geralmente, apresentam comportamentos de externalização (agressão verbal ou física, destruição de objetos, mentira) e de internalização (retração social, depressão, ansiedade), de acordo com Oliveira et al. (2002).

Diferente de Baumrind (1968), Martínez e García (2007) fizeram uma distinção entre pais permissivos e negligentes e definiram quatro estilos de socialização, a partir das práticas parentais de Aceitação/Implicação, que corresponde a atitudes de aceitação e práticas de diálogo, e de Severidade/Imposição, que se refere a atitudes de controle dos comportamentos indesejados e imposição de limites aos filhos/as (Camino et al., 2003), conforme sintetizado na Figura 1.

<b>Estilos parentais</b>	<b>Caracterização</b>
Autoritativo	Alta Severidade/Imposição e alta Aceitação/Implicação
Autoritário	Alta Severidade/Imposição e baixa Aceitação/Implicação
Permissivo	Baixa Severidade/Imposição e alta Aceitação/Implicação
Negligente	Baixa Severidade/Imposição e baixa Aceitação/Implicação

**Figura 1.**

Classificação dos Estilos Parentais de Socialização construídos a partir das práticas de socialização maternas (Martínez & García, 2007)

Weber, Prado, Viezzer, e Brandenburg (2004), com a finalidade de conhecer os estilos parentais de algumas famílias brasileiras, realizaram uma pesquisa com 239 crianças, de 9 a 12 anos, de duas escolas municipais e seus respectivos pais. Os pais foram classificados como: 45,4% Negligentes, 32,8% Autoritativos, 11,8% Permissivos e 10,1% Autoritários.

Minetto (2010) realizou um estudo com 120 mães e/ou pais de crianças brasileiras entre 3-10 anos de idade em DT, com Deficiência Intelectual e SD. O grupo

de pais de filhos/as com *SD* utilizou estratégias semelhantes aos pais de crianças em DT, no entanto, diferencia-se um pouco por demonstrar maior supervisão (controle) do comportamento da criança e menos investimento na autonomia desta; os pais de filhos/as em DT apresentaram, sobretudo, características de práticas educativas com perfil parental mais Autoritativo, com destaque às estratégias que envolvem liberdade e expressão de afeto e incentivo à autonomia. E, os pais de filhos com Deficiência Intelectual revelaram práticas educativas mais distintas, com característica mais autoritária: imposição de limites sem reflexão, pouca supervisão do comportamento dos filhos e pouca expressão de afeto.

Hart, Ladd, e Burleson (1990) investigaram as expectativas das crianças a respeito das estratégias de resolução de conflitos dos pais. O resultado que obtiveram foi que as estratégias de Severidade/Imposição, se utilizadas de forma frequente, podem contribuir para que as crianças se comportem da mesma forma com os pais, além de não favorecer a aquisição de padrões adequados de comportamento.

Dodge, Bates, e Pettit (1990), ao relacionar comportamentos agressivos e práticas educacionais de socialização, consideraram como sendo um fator de risco significativo para o desenvolvimento de comportamentos violentos a exposição a modelos agressivos, que são reforçados, tanto positiva quanto negativamente, durante as experiências sociais iniciais, cujo resultado reflete no surgimento de ciclos de interações coercivas na família que podem escalar para uma verdadeira transmissão intergeracional de ciclos de coerção.

Na análise de Alvarenga e Piccinini (2001), as estratégias disciplinares coercitivas tendem a cumprir apenas objetivos de socialização em um curto prazo de tempo, fazendo com que a criança, momentaneamente, pare de se comportar de determinada maneira. Esses autores ainda ressaltaram que as estratégias de força coercitiva podem estimular e/ou agravar comportamentos agressivos na criança, especialmente com o uso muito frequente deste tipo de estratégia, mas não necessariamente com o uso de forma moderada.

Salvo, Silveiras, e Toni (2005) acrescentaram que o uso de práticas coercitivas pode estimular e agravar um padrão inadequado de comportamento quando este padrão é, ao mesmo tempo, punido e reforçado. Nessa mesma direção, Catania (1999) afirmou que o comportamento de crianças que costumam provocar os pais até serem punidas pode ser explicado pelo fato de que as punições são, geralmente, seguidas pela atenção dos pais arrependidos.

Trickett e Kuczynski (1986) defenderam que há uma forte relação entre práticas coercitivas e problemas de comportamento, e afirmaram que crianças que estão expostas de forma frequente a práticas de coerção punitiva tendem a manifestar, com maior frequência, comportamentos agressivos, quando comparadas a crianças cujos pais utilizam-se mais de explicações para fazer com que a criança perceba que seu comportamento não é adequado.

Outros estudos ainda revelaram que: estratégias coercitivas e ausência de envolvimento positivo da mãe são preditores de problemas de comportamento na infância (Pettit & Bates, 1989); o uso de punições físicas está de forma positiva e significativa correlacionada com problemas de comportamento em crianças (Fox, Platz, & Bentley, 1995); a coerção parental e a falta de responsividade estão de forma positiva e significativa correlacionadas com a agressividade dos filhos/as em relação aos pais (Hart, Nelson, Robinson, Olsen, & McNeilly-Choque, 1998).

Diante do exposto, questiona-se: será que, de fato, os comportamentos agressivos de crianças estão relacionados a padrões coercitivos de socialização? O que se pretende problematizar aqui é que, independente do tipo de desenvolvimento das crianças, existe uma relação entre padrões de socialização mais severo ou coercitivo e comportamentos agressivos, tendo em vista que alguns pais de crianças com *SD* tendem a afirmar que seus filhos seguem tal padrão de comportamento e não outro por causa da síndrome. Também se pretende verificar se existem outras práticas educativas parentais relacionadas a comportamentos agressivos, visto que existe um certo modismo hoje de afirmar que o problema dos comportamentos agressivos é a falta limites.

Este estudo tem como objetivo geral investigar a relação entre a emissão de comportamentos agressivos e o uso de técnicas e práticas parentais de socialização adotadas pelas mães de crianças em DT e de crianças com *SD*.

## **Método**

Esse estudo é de natureza quantitativa. Trata-se de uma pesquisa de campo *ex-post facto*.

### **Participantes**

Participaram do estudo 68 mães brasileiras, sendo 34 mães de crianças com *Síndrome de Down* e 34 mães de crianças com Desenvolvimento Típico, com idades entre 25 e 53 anos de idade ( $M=39$ ;  $DP=6,5$ ), predominantemente casadas (71%), sem



curso superior (71%) e da religião católica (71%). Os filhos das mães participantes se caracterizavam como sendo do sexo feminino (59%), estudantes de escola privada (59%) e com idades entre 4 e 10 anos ( $M=7$ ;  $DP=1,6$ ). A amostra foi coletada em duas instituições da cidade de Campina Grande-PB (APAE e escola pública do bairro Bodocongó) e circunvizinhas: na APAE da cidade de Patos-PB e em duas escolas (uma pública e uma privada) da cidade de Taperoá-PB.

A amostra foi não probabilística, podendo ser definida como intencional, pois incluiu as pessoas que, quando consultadas, se dispuseram a colaborar respondendo ao instrumento de pesquisa.

### **Instrumentos de coleta de dados**

Além de assinar o termo de consentimento livre e esclarecido, as participantes responderam a um questionário biosociodemográfico e as seguintes escalas:

#### **1. Escala de Técnicas de Controle – versão reduzida.**

Foi utilizada a versão reduzida da Escala de Técnicas de Controle de Camino et al. (2003), composta por 45 itens. Na avaliação das técnicas de controle, a mãe participante deveria responder com que frequência (em uma escala de 5 pontos) empregava cada um dos cinco tipos diferentes técnicas de socialização (promessa de recompensa, explicação, ameaça de punição real, ameaça de punição sobrenatural e retirada de afeto), quando pretendiam controlar o comportamento de seu filho/a em situações como comer, ir dormir, fazer os deveres da escola, brigar fisicamente, agredir verbalmente, dizer palavrões, sair para a rua sem autorização.

#### **2. Escala de Socialização Parental (ESPA29) – versão adaptada.**

Foi utilizada uma versão adaptada, construída com base na versão brasileira (Martínez, García, Camino, & Camino, 2011) da Escala de Socialização Parental (ESPA29) de Musitu e García (2001). A escala adaptada, diferente da versão original (elaborada para ser respondida pelos filhos/as pensando as práticas disciplinares de seus pais), foi modificada para ser respondida por mães sobre suas práticas disciplinares. Manteve-se a organização dos 29 itens que mediam a frequência com que a respondente, a partir de uma escala de 4 pontos (1 = nunca a 4 = sempre), empregava as práticas disciplinares de Afeto (demonstra-me carinho), de Indiferença (tanto faz), de Diálogo (fala comigo), de Displicência (não se preocupa comigo), de Privação (retira algo ou proíbe), de Coerção verbal (reclama comigo) e de Coerção física (bate em mim).

É por meio das duas dimensões da conduta materna (Aceitação/Implicação e Severidade/Imposição) que se medem os estilos de socialização Autoritativo, Autoritário indulgente e Negligente, pelo sistema habitual de dicotomizar (Lamborn, Mounts, Steinsberg, & Dornbusch, 1991) as pontuações de Aceitação/ Implicação e Severidade/Imposição, a partir dos *tercis* (Martínez & García, 2007; Martínez, Musitu, García, & Camino, 2003; Musitu & García, 2001) ou da mediana (Chao, 2001; Kremers, Brug, Vries, & Engels, 2003), tomando-se a média das saturações das respostas das mães. (Lamborn et al., 1991).

Quando a pontuação média das respondentes situa-se acima da mediana ou no terceiro tercil da distribuição, nas duas dimensões, atribui-se-lhes o estilo familiar de socialização Autoritativo; se estiver situada acima da mediana, ou no terceiro tercil, em Severidade/Imposição, mas abaixo da mediana ou no primeiro tercil em Aceitação/Implicação atribui-se-lhes o estilo Autoritário, se estiver situada acima da mediana, ou no terceiro tercil, em Aceitação/Implicação e abaixo da mediana, ou no primeiro tercil, em Severidade/Imposição, se determina o estilo Indulgente; e se a média se situa abaixo da mediana, ou no primeiro tercil, nas duas dimensões se atribui o estilo familiar Negligente.

3. Questionário de Agressão de Buss e Perry (BPAQ) – versão adaptada para mães.

Inspirado na Teoria de Buss e Perry (1992), o BPAQ, validado no Brasil por Gouveia et al. (2008), é composto por 20 itens, respondidos em uma escala de 5 pontos, tipo *likert*, que avaliam comportamentos agressivos, a partir de quatro dimensões, a saber: agressão física, agressão verbal, raiva e hostilidade. O questionário adaptado, diferente da versão original que é voltado para medir comportamentos agressivos na população jovem e adulta, foi elaborado para ser respondido por mães acerca dos comportamentos agressivos dos filhos/as (crianças).

### **Procedimento de coleta de dados**

As mães responderam aos instrumentos individualmente, a partir de um agendamento prévio. Foram salvaguardadas as orientações previstas na Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde (CNS) e na Resolução 010/12 do Conselho Federal de Psicologia (CFP), para pesquisa envolvendo seres humanos. A aplicação durou em média 50 minutos, sendo realizada por entrevistadores treinados.

### **Análise dos dados**

No programa *Statistical Package for Social Science for Windows* (SPSS), versão 20, realizou-se: Estatísticas Descritivas para caracterizar a amostra e comparar os diferentes escores das escalas; Teste t para comparar as médias das escalas em relação a variável denominada tipo de desenvolvimento; o *Alfa de Cronbach* para verificar a consistência interna dos fatores; e teste de Correlação de *Pearson* para relacionar os fatores das escalas.

### **Resultados e Discussão**

Antes de iniciar exposição e discussão dos resultados, é relevante pontuar que a pesquisa aqui apresentada faz parte de um projeto mais amplo que contará com uma amostra de 400 participantes, tendo em vista a realização de cálculos estatísticos de maior complexidade, como análises fatoriais exploratórias e confirmatórias das Escalas aplicadas. Nesse sentido, para a apresentação desse trabalho os itens das escalas serão organizados em fatores que estão fundamentados nas teorias e nos estudos empíricos já realizados.

#### **Técnicas de Socialização**

Com base no resultado da Análise Fatorial realizada por Camino et al. (2003), os itens da Escala de Técnicas de Socialização foram organizados em dois fatores, que demonstraram ter boa consistência interna: Técnicas de Controle Externo ( $\alpha=0,89$ ), formado pelas técnicas denominadas punição real, punição sobrenatural, recompensa e retirada de afeto, e Técnicas de Controle Interno ( $\alpha=0,91$ ), formado pela técnica da explicação.

Conforme Tabela 1, as mães de crianças em DT afirmaram utilizar mais as Técnicas de Controle Externo e as Técnicas de Controle Interno do que as mães de crianças com *SD*. Este resultado é congruente com a ideia de Camino, Camino e Moraes (2003) de que as técnicas de Controle Interno e de Controle Externo constituem duas dimensões separadas, independentes, e não polos extremos de uma única dimensão, o que quer dizer que é possível encontrar mães que utilizam intensivamente as duas formas de controle parental, e mães que se abstém de utilizar ambas as formas, o que caracterizaria um estilo mais Permissivo.

Tabela 1

*Comparação do uso das Técnicas de Socialização em função do tipo de desenvolvimento dos filhos*

Técnicas de socialização	Tipo de desenvolvimento		Estatística
	Desenvolvimento Típico	Síndrome de Down	
Controle externo	<u>2,46</u>	2,09	[t= 2,248; df=66; p<0,05]
Controle interno	<u>3,37</u>	3,02	[t= 2,013; df=66; p<0,05]

Mas, por qual motivo as mães de crianças com *SD* fariam menos uso das técnicas de controle (Interno e Externo) do que as mães de crianças em *DT*? Uma primeira variável a ser considerada é que as crianças também exercem influência sobre as práticas parentais escolhidas pelos pais (Justo, Carvalho, & Kristensen, 2014). A esse respeito Zhou et al. (2002) constataram que crianças com problemas de comportamento provocam em seus pais atitudes menos carinhosas e menor responsividade materna. Uma outra explicação plausível poderia estar relacionada ao atraso no desenvolvimento da linguagem das crianças com *SD*. Os resultados do estudo realizado por Ferreira, Ferreira, e Oliveira (2010) revelaram que professoras não interagem com as crianças com *SD* em função da ausência da linguagem expressiva dessas crianças e por não acreditarem em seu aprendizado.

### **Práticas e estilos de socialização parental**

Com base nos estudos já realizados (Martínez et al., 2011; Misuti & García, 2001), os itens da ESPA-29 (versão adaptada) foram organizados em dois fatores, a saber: Aceitação/Implicação e Severidade/Imposição. Para esclarecer, a pontuação no fator Aceitação/Implicação foi obtida a partir das médias das respostas nas subescalas intituladas Afeto, Diálogo, Indiferença e Displicência (nas duas últimas práticas, as escalas foram invertidas, já que estão inversamente relacionadas com a dimensão considerada); e a pontuação no fator Severidade/Imposição foi obtida considerando as médias das respostas nas subescalas Privação, Coerção verbal e Coerção física.

O Alfa de Cronbach no fator Aceitação/Implicação foi de 0,91 e no fator Severidade/Imposição de 0,94. Martínez et al. (2011), em um estudo realizado aqui no

Brasil, encontraram alfas semelhantes (0,97 para o fator Aceitação/Implicação e 0,96 para o fator Severidade/Imposição).

As práticas de socialização intituladas Aceitação/Implicação e Severidade/Imposição foram avaliadas em função da variável intitulada tipo de desenvolvimento (filho/a com *SD* e filho/a em DT). Conforme pode ser observado na Tabela 2, as práticas de socialização intituladas Aceitação/Implicação e Severidade/Imposição foram utilizadas mais pelas mães de crianças em DT do que pelas mães de crianças com *SD*. Note-se que esse resultado se assemelha ao apresentado e discutido no tópico anterior que revela que as mães de crianças em DT utilizam mais as técnicas de controle parental do que as mães de crianças com *SD*.

Tabela 2

*Comparação do uso de Práticas Parentais de Socialização em função do tipo de desenvolvimento dos filhos (Síndrome de Down X Desenvolvimento Típico)*

Práticas parentais de socialização	Tipo de desenvolvimento		Estatística
	Desenvolvimento Típico	Síndrome de Down	
Aceitação/Implicação	<u>3,56</u>	3,15	[t= 7,401; df=66; p<0,001]
Severidade/Imposição	<u>2,07</u>	1,40	[t= 4,735; df=66; p<0,001]

A segunda etapa da análise da ESPA foi à classificação dos Estilos Parentais de Socialização utilizados pelas mães, considerando como parâmetro as dimensões Aceitação/Implicação e Severidade/Imposição, seguindo as orientações de Martínez e García (2007).

Conforme a Figura 2, o estilo mais utilizado pelas participantes da pesquisa com seus filhos em DT é o Autoritativo, seguido do Negligente; e o mais utilizado pelas participantes da pesquisa com seus filhos com *SD*, é o Negligente.

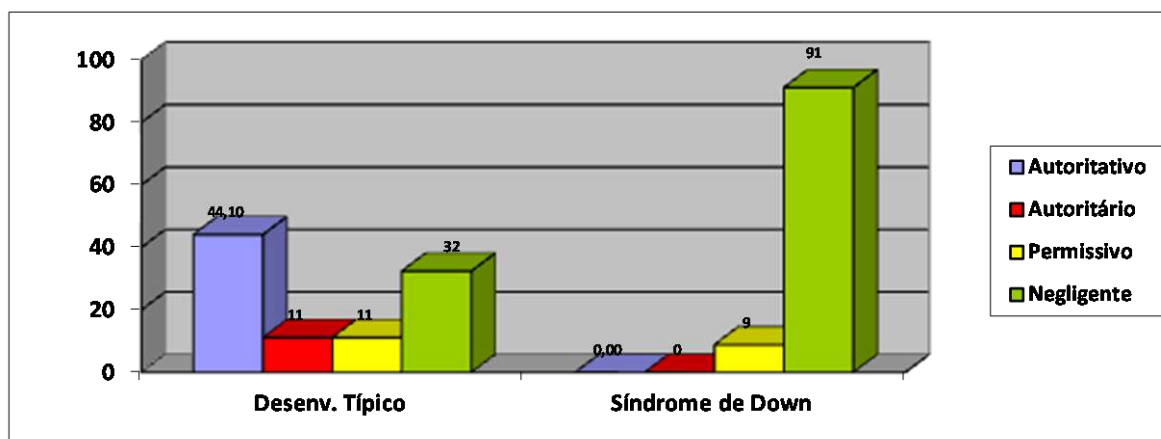


Figura 2. Estilos parentais utilizados por mães de crianças em Desenvolvimento típico e mães de crianças com Síndrome de Down.

O predomínio dos estilos Negligente e Autoritativo também foi encontrado por Weber et al (2004), em um estudo com pais de crianças em DT. Minetto (2010), por sua vez, de forma semelhante ao que foi verificado no presente estudo, constatou que os pais de crianças em DT participantes de seu estudo apresentaram, sobretudo, um estilo Autoritativo; e, em contraste com a presente pesquisa, os pais de crianças com *SD* participantes do seu estudo apresentaram, sobretudo, um estilo Autoritário.

### Comportamento Agressivo

Os itens da ECA foram organizados em quatro fatores, tendo como fundamento a teoria de Buss e Perry (1992), a saber: Agressão física ( $\alpha=0,65$ ), Agressão verbal ( $\alpha=0,65$ ), Raiva ( $\alpha=0,60$ ) e Hostilidade ( $\alpha=0,81$ ). Consistência interna semelhante a essas foram encontradas em outros estudos (Fossati et al., 2003; García-León et al., 2002)

Conforme Tabela 3, os filhos/as em DT obtiveram médias significativamente maiores do que os filhos/as com *SD* em relação a Agressividade verbal e a Hostilidade, e médias significativamente menores em relação a Agressividade física.

Tabela 3

*Comparação da emissão de Comportamentos Agressivos, em função do tipo de desenvolvimento dos filhos*

Comportamento agressivo	Tipo de desenvolvimento		Estatística
	Desenvolvimento Típico	Síndrome de <i>Down</i>	
Raiva	2,32	2,26	[t= 0,349; df=66; n.s.]
Agressão verbal	<u>2,23</u>	1,85	[t= 2,062; df=66; p<0,05]
Hostilidade	<u>2,25</u>	1,74	[t= 3,034; df=66; p<0,01]
Agressividade física	1,75	<u>2,20</u>	[t= -2,674; df=66; p<0,01]

A percepção da criança com *SD* como sendo uma criança que apresenta maior Agressividade física do que a em *DT* corrobora o que foi apontado por Rodrigues e Alchieri (2009) de que a criança com *SD* não corresponde necessariamente à criança com uma afetividade exagerada, que demonstra ser sempre dócil, calma, brincalhona, cooperativa, etc.

### **Socialização Parental e Comportamento Agressivo**

Inicialmente, registra-se que não foram encontradas correlações entre os fatores da escala de Técnicas de Socialização e os fatores da escala de Comportamento Agressivo.

Por sua vez, conforme pode ser constatado na Tabela 4, todos os fatores da Escala de Comportamento Agressivo se correlacionaram positivamente com a prática de socialização caracterizada por Severidade/Imposição da Escala de Socialização Parental. O que significa dizer que os comportamentos agressivos podem estar relacionados ao predomínio da prática de socialização caracterizada pela Severidade/Imposição do genitor, corroborando a ideia de Pesce (2009), apoiada por Joly, Dias, e Marini (2009), dentre outros autores, de que existe uma relação entre práticas coercitivas de educação dos pais e comportamentos agressivos dos filhos/as.

Tabela 4

*Coefficientes de correlação de Pearson entre a Escala de Comportamento Agressivo e a Escala de Socialização Parental*

	A. física	A. verbal	Raiva	Hostilidade	Severidade	Aceitação
A. física	1	,556**	,531**	,192*	<u>,254*</u>	-,144
A. verbal	,556**	1	,624**	,635**	<u>,430**</u>	-,160
Raiva	,531**	,624**	1	,350**	<u>,273*</u>	-,063
Hostilidade	,192*	,635**	,350**	1	<u>,291*</u>	-,167

Nota: \*\* correlação significativa,  $p < 0,01$ ; \* correlação significativa,  $p < 0,05$ .

Particularmente Pesce (2009) afirma que pais que utilizam punição, seja ela qual for, estão mostrando a seus filhos/as que a violência é uma forma apropriada de resolução de conflitos e de relacionamento entre casais. Joly et al. (2009) problematizam que a brutalidade na relação do casal com seus filhos/as ensina às crianças, por meio da observação, que bater é apropriado e poderoso.

Contudo, é relevante lembrar, conforme ressaltam Alvarenga e Piccinini (2001), que as estratégias disciplinares coercitivas só estimulam ou agravam comportamentos agressivos quando utilizadas de forma muito frequente, mas não necessariamente quando utilizadas de forma moderada. Dado este que precisa ser melhor investigado.

Também é oportuno verificar na Tabela 4 que não foi encontrada nenhuma correlação negativa significativa entre Aceitação/Implicação e os comportamentos agressivos avaliados. O que este resultado significa? Será que com uma amostra maior este resultado seria significativo? Será que faz sentido a afirmação das mães de crianças com *SD* da pesquisa de Rodrigues et al. (2010) de que os seus filhos/as emitem comportamentos agressivos porque elas não colocam limites?

São necessárias, portanto, maiores investigações acerca das relações entre práticas de socialização e comportamentos agressivos, sobretudo considerando mães com *SD*. Note-se que alguns estudos, como o de Silva e Marturano (2002), Silva (2003) e Silva (2000), já apontam que é possível identificar os determinantes para os problemas de comportamento da criança a partir da análise das “habilidades parentais”.

Por fim, é importante registrar, em consonância com o que defende Silva (2015), que as variáveis que influenciam no surgimento e expressão dos comportamentos



agressivos são múltiplas e tem origem em fatores biológicos, psicológicos, evolutivos, culturais, sociais e emocionais, além do contexto familiar e características pessoais.

### **Considerações finais**

O resultado que aponta que um número significativo de mães participantes (sobretudo, as de crianças com *SD*) está adotando condutas Negligentes, merece ser refletido. Mas, o que no presente estudo está se chamando de conduta Negligente? O estilo Negligente foi delimitado como sendo a combinação da baixa Severidade/Imposição e da baixa Aceitação/Implicação. Em relação à baixa Severidade/Imposição, é compreensível que as pessoas não queiram assumir que educam seus filhos/as com práticas consideradas severas, tendo em vista que hoje esta é uma conduta considerada politicamente incorreta, e, de fato, parece não ser uma boa opção de prática parental de acordo com os resultados das correlações entre práticas parentais e comportamentos agressivos apresentados no presente estudo. No que se refere à baixa Aceitação, deve-se considerar que a definição de aceitação adotada inclui a prática do diálogo, algo pouco utilizado por algumas mães, sobretudo as de crianças com *SD*, por possivelmente acreditarem que seus filhos/as ainda não são capazes de compreender e internalizar as regras sociais.

Também se julga oportuno refletir sobre o resultado significativo e positivo da correlação entre a prática de Severidade/Imposição e todos os comportamentos agressivos avaliados. Este dado revela que as mães que privilegiam a Privação, a Coerção verbal e a Coerção física são aquelas que mais percebem comportamentos agressivos em seus filhos/as. Resta saber se esta relação entre a prática de Severidade das mães e os comportamentos agressivos dos filhos/as também se caracteriza como sendo uma relação causal e se uma severidade moderada dos pais também está correlacionada com o comportamento agressivo dos filhos/as, o que poderá ser investigado em outras pesquisas.

Um assunto que foi problematizando neste artigo e não se conseguiu obter uma resposta plausível foi se a falta de limites é algo que está relacionada com a emissão de comportamentos agressivos infantis. Acredita-se que outras pesquisas poderão fornecer respostas mais consistentes a este respeito e contribuir para a identificação dos principais preditores e mantenedores de tais comportamentos.

Nos próximos estudos, também é pertinente considerar a avaliação de outras pessoas além da mãe sobre as estratégias de socialização, bem como a complexidade

das relações familiares e as diferentes variáveis que influenciam nas práticas parentais de socialização, como as características específicas da criança e dos pais, bem como o contexto sociocultural, entre outras.

Ademais, é importante registrar que se reconhece as limitações deste estudo em função do tamanho da amostra e dos instrumentos de pesquisa utilizados que restringem as respostas àquilo que foi dito pela participante que não corresponde necessariamente à realidade. É relevante lembrar que o objetivo do presente estudo não foi realizar conclusões generalistas a respeito da temática, nem promover estereótipos a respeito dos grupos pesquisados, mas de agenciar um canal de reflexões sobre as possíveis relações entre práticas de socialização parental e comportamentos agressivos.

Frente ao exposto, considera-se que o presente estudo traz importantes contribuições ao examinar a relação entre as práticas parentais e suas repercussões na criança, cujo desenvolvimento é bastante intenso e complexo. Entende-se que educar é uma tarefa difícil que envolve não só valores pessoais e familiares, mas também ideias e concepções sociais acerca do melhor modo de realizá-la. Adicionalmente, é preciso considerar que as práticas educativas implicam um processo bidirecional, no qual a criança afeta a conduta disciplinar de seus pais, a qual, por sua vez, afeta a continuidade das práticas educativas.

Espera-se que os resultados aqui encontrados ajudem na elaboração de uma intervenção que possibilite as mães participantes refletirem sobre suas práticas parentais de socialização e sobre que técnicas de controle parental podem ser utilizadas diante dos comportamentos agressivos de seus filhos/as.

## Referências

- Alvarenga, P., & Piccinini, C. (2001). *Práticas educativas maternas e problemas de comportamento em pré-escolares*. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, v. 14, n. 3, p. 449-460.
- Andrade, P. R. (2003). *Correlatos valorativos da preferência por desenhos animados: compreendendo a justificativa da agressão*. Dissertação de Mestrado, Departamento de Psicologia, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa-PB.
- Baumrind, D. (1968). *Authoritarian vs. authoritative parental control*. *Adolescence*, v.3, p. 255-272.
- \_\_\_\_\_. (1996). *The discipline controversy revisited*. *Family Relations*, v. 45, p. 405-414.

- Boeckel, M. G., & Sarriera, J. C. (2005). *Análise fatorial do questionário de estilos parentais (PAQ) em uma amostra de adultos jovens universitários*. In: *Psico-USF*, v.10, n. 1, p. 1-9, jan/jun.
- Buss, A. H., & Perry, M. (1992). *The aggression questionnaire*. *Journal of Personality and Social Psychology*, v. 63, p. 452-459.
- Camino, C., Camino, L., & Moraes, R. (2003). *Moralidade e Socialização: Estudos empíricos sobre práticas maternas de controle social e o julgamento moral*. *Psicologia Reflexão e Crítica*, v. 16, n. 1, p. 41-61.
- Catania, A. C. (1999). *Aprendizagem: comportamento, linguagem, e cognição*. (D. G. Souza, Trad.). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Chao, R. K. (2001). *Extending research on the consequences of parenting style for Chinese Americans and European Americans*. *Child Development*, 72, 1832-1843.
- Costa, F. T., Teixeira, M. A. P., & Gomes, W. B. (2000). *Responsividade e Exigência: duas escalas para avaliar estilos parentais*. In: *Psicologia: Reflexão e Crítica*, p. 165-173.
- Chaves, C. M. C. M. (2006). *Compromisso convencional: fator de proteção para as condutas agressivas, anti-sociais e de uso de álcool?*. Dissertação de Mestrado, Departamento de Psicologia, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB.
- Coelho, M. C. B. (1983). *Estudo sobre a atitude pró-agressiva dos adolescentes pela observação de programas violentos na televisão*. Dissertação de Mestrado, Departamento de Psicologia, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB.
- Dodge, K. A., Bates, J. E., & Pettit, G. S. (1990). *Mechanisms in the cycle of violence*. *Science*, n. 250, p. 1678-1683.
- Ferreira, D. R. S. A., Ferreira, W. A., & Oliveira, M. S. (2010). *Pensamento e linguagem em crianças com Síndrome de Down: um estudo de caso da concepção das professoras*. *Ciências e Cognição*, v.15, n.2, p.216-227.
- Flox, R. A., Platz, D. L., & Bentley, K. S. (1995). *Maternal factors related to parenting practices, developmental expectations, and perceptions of child behavior problems*. *The Journal of Genetic Psychology*, 156, 431-441.
- Fossati, P., Hevenor, S. J., Graham, S. J., Grady, C., Keightley, M. L., Craik, F., Mayberg, H. (2003). *In search of the emotional self: an fMRI study using positive and negative emotional words*. *Am. J. Psychiatry* 160, 1938 – 1945.

- García-León, A., Reyes, G., Vila, J., Pérez, N., Robles, H., & Ramos, M. M. (2002). *The Aggression Questionnaire: A validation study in student samples*. *The Spanish Journal of Psychology*, *v. 5*, p. 45-53.
- Gouveia, V. V., Chaves, C. M. C. M., Peregrino, R. R., & Branco, A. O. C. (2008). *Medindo a agressão: o questionário de Buss-Perry*. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, *v. 60*, p. 92-103.
- Hart, C. H., Ladd, G. W., & Burleson, B. R. (1990). *Expectations of the outcomes of social strategies. Relations with socioeconomic status and maternal disciplinary styles*. *Child Development*, *61*, 127-137.
- Hart, C. H., Nelson, D. A., Robinson, C. C., Olsen, S. F., & McNeilly-Choque, M. K. (1998). *Overt and relational aggression in Russian nursery-school-age children: parenting style and marital linkages*, *Developmental Psychology*, *34*, 687-697.
- Hoffman, M. L. (1983). *Affective and cognitive processes in moral internalization: an information processing approach*. *Social cognition and social development: A socio-cultural perspective*. New York: Cambridge University Press, p. 236-274.
- \_\_\_\_\_. (1994). *Discipline and internalization*. In: *Developmental Psychology*, *v. 30*, p. 26-28.
- Joly, M. C. R. A., Dias, A. S., & Marini, J. A. S. (2009). *Avaliação da agressividade na família e escola de ensino fundamental*. *Psico-USF*, *v. 14*, n. 1, p. 83-93.
- Justo, A. R., Carvalho, J. C. N., & Kristensen, C. H. (2014). *Desenvolvimento da empatia em crianças: a influencia dos estilos parentais*. *Psicologia: Saúde e Doenças*, *v. 15*, n. 2, p. 510-523.
- Kremers, S. P., Brug, J., de Vries, H., & Engels, R. C. M. E. (2003). *Parenting style and adolescent fruit consumption*. *Appetite*, *41*, 43-50.
- Lamborn, S. D., Mounts, N. S., Steinberg, L., & Dornbusch, S. M. (1991). *Patterns of competence and adjustment among adolescents from authoritative, authoritarian, indulgent, and neglectful families*. *Child Development*, *62*, 1049-1065.
- Martínez, I., Musitu, G., García, J. F., & Camino, L. (2003). *Un análisis intercultural de los efectos de la socialización familiar en el autoconcepto: España y Brasil [A cross-cultural analysis of the effects of family socialization on self-concept: Spain and Brazil]*. *Psicologia, Educação e Cultura*, *7*, 239-259.
- Martínez, I. & García, J. F. (2007). *Impact of parenting styles on adolescents' self-esteem and internalization of values in Spain*. *Spanish Journal of Psychology*, *10*, 338-348.

- Martínez, I., García, J. F., Camino, L., & Camino, C. P. S. (2011) *Socialização Parental: Adaptação ao Brasil da Escala ESPA29*. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 24 (4), 640-647.
- Martins, G. F. (2009). *Influência do apoio social sobre crenças e práticas maternas em capitais e pequenas cidades brasileiras*. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.
- Minetto, M. F. J. (2010). *Práticas educativas parentais, crenças parentais, estresse parental e funcionamento familiar de pais de crianças com desenvolvimento típico e atípico*. Tese de doutorado, Programa de Pós Graduação em Psicologia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC..
- Musitu, G., & García, F. (2001). *ESPA29: escala de estilos de socialización parental en la adolescencia [ESPA29: Parental socializationscale in adolescence]*. Madrid, Spain: Tea.
- Oliveira, E. A., Marin, A. H., Pires, F. B., Frizzo, G. B., Ravello, T., & Rossato, C. (2002). *Estilos parentais autoritário e democrático-recíproco intergeracionais, conflito conjugal e comportamentos de externalização e internalização*. *Psicologia Reflexão e Crítica*, v. 15, p. 1-11.
- Oliveira, D. S. de, Rabuske, M. M., & Arpini, D. M. (2007). *Práticas de educação: Relato de mães usuárias de um serviço público de saúde*. *Psicologia em Estudo*, v. 12, p. 351-361.
- Pesce, R. (2009). *Violência familiar e comportamento agressivo e transgressor na infância: uma revisão da literatura*. *Ciência e Saúde coletiva*, v. 14, n. 2, p. 507-518.
- Petit, G. S., & Bates, J. E. (1989). *Family interaction patterns and children's behavior problems from infancy to 4 years*. *Developmental Psychology*, 25, 413-420.
- Resolução CFP nº 010/12, de 15 de junho de 2012*. (2012). Dispõe sobre a realização de pesquisas em Psicologia com seres humanos. Brasília, DF. Recuperado em 31 de maio, 2015, de <http://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2014/07/Resolu%C3%A7%C3%A3o-CFP-n%C2%BA-010-12.pdf>.
- Resolução CNS nº 466/12 de 12 de dezembro de 2012*. (2012). Dispõe sobre o respeito pela dignidade humana e pela especial proteção devida aos participantes das pesquisas científicas envolvendo seres humanos. Brasília, DF. Recuperado em 31 de maio, 2015, de [http://bvsm.s.saude.gov.br/bvs/saudelegis/cns/2013/res0466\\_12\\_12\\_2012.html](http://bvsm.s.saude.gov.br/bvs/saudelegis/cns/2013/res0466_12_12_2012.html).
- Rodrigues, E. C., & Alchieri, J. C. (2009). *Avaliação das características de afetividade em crianças e jovens com Síndrome de Down*. *Psico-USF*, v. 14, n.1, p. 107-116.

- Rodrigues, E. C., Alchieri, J. C., & Coutinho, M. P. L. (2010). *A afetividade de crianças e jovens com Síndrome de Down: um estudo sobre as percepções de pais e de professores*. Revista CES Psicologia, v. 3, n. 2, p. 79-98.
- Salvo, C. G., Silves, E. F. M., & Toni, P. M. (2005). *Práticas educativas como forma de predição de problemas de comportamento e competência social*. In: Estudos de Psicologia, v. 22, n. 2, p. 187-195.
- Schwartzman, J. S. (2003). *Síndrome de Down*. 2 Ed. São Paulo: Memnon. *Statistical Package for Social Science for Windows (SPSS)*. [IBM SPSS](http://www.ibm.com). Visitado em 02 de março de 2015.
- Shaffer, D. R. (2005). *Psicologia do desenvolvimento: infância e adolescência*. Tradução da 6ª edição norte-americana Cíntia Regina PembertonCancissu. São Paulo: Pioneira.
- Sidebotham, P. (2001). *Culture, stress and the parent-child relationship. A qualitative study of parents' perceptions of parenting*. Child: Care, Health e Development, v. 27, n. 6, p. 469-485.
- Silva, A. T. B. (2000). *Problemas de comportamento e comportamentos socialmente adequados: sua relação com as habilidades sociais educativas de pais*. Dissertação de Mestrado. Universidade de São Paulo, São Carlos.
- Silva, A. T. B. (2003). *Habilidades sócias educativas, variáveis contextuais e problemas de comportamento: comparando pais e mães de pré-escolares*. Tese de Doutorado. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto.
- Silva, I. A. (2015). *Considerações sobre a agressividade infantil*. Revista de Educação e Ensino, n.21, p. 66-81.
- Silva, N. L. P., & Dessen, M. A. (2006). *Padrões de interação genitores-crianças com e sem Síndrome de Down*. Psicologia Reflexão e crítica, v. 19, n. 2, p. 283-291.
- Silva, A. T. B., & Marturano (2002). *Práticas educativas e problemas de comportamento: uma análise à luz das habilidades sociais*. Estudos de Psicologia, v. 7, n. 2, p. 227-235.
- Trickett, P. K., & Kuczynski, L. (1986). *Children's behavior and parental discipline strategies in abusive and abusive families*. Developmental Psychology, 22, 115-123.
- Weber, L. N. D., Prado, P. M., Viezzer, A. P., & Brandenburg, O. J. (2004). *Identificação de estilos parentais: o ponto de vista dos pais e dos filhos*. Psicologia: Reflexão e Crítica, n. 17, p. 323-331.

Zhou, Q., Eisenberg, N., Losoya, S. H., Fabes, R. A., Reiser, M., Guthrie, I.K., Murphy, B. C., Cumberland, A. J., & Shepard, S. A. (2002). *The relations of parental warmth and positive expressiveness to children's empathy-related responding and social functioning: a longitudinal study*. *Child Development*, v. 73, n. 2, p. 893-915.